



INCLUSÃO E SEGREGAÇÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

“Temos direito à igualdade, quando a diferença nos inferioriza, e direito à diferença, quando a igualdade nos descaracteriza”. (BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS)

Gilvania Wanderley de Andrade Ribeiro¹

PMCG/APAE/PB

gil-jesusristo@hotmail.com

Este artigo aborda a questão da inclusão e segregação de estudantes com deficiência no contexto educacional. E surge a partir de indagações acerca da prática de inclusão de pessoas com deficiência nas escolas regulares, uma experiência vivenciada pela autora nas salas de Recursos Multifuncionais em escola pública municipal de Campina Grande-PB. Refletir o bem estar desses estudantes inclusos e algumas vezes, excluídos por profissionais sem qualificação para atendimento especializado tem sido o meu objeto de estudo. Então o que significa de fato uma proposta pedagógica que inclui em um ambiente diverso pessoas com deficiência? Que tipo de instituição e profissional se faz necessários para o atendimento adequado? Será que as escolas municipais estão de fato incluindo essa clientela no contexto educacional capaz de atendê-la nas suas especificidades? Por outro lado, as instituições que promovem a escolaridade em um contexto diferenciado onde se aglutina pessoas com diversas deficiências e síndromes em um único espaço com uma equipe multiprofissional não estaria oferecendo um serviço mais adequado para essa modalidade? Porque os profissionais, em especial, os psicopedagogos, desenvolvem atividades pedagógicas diárias com um grupo de doze, quinze, algumas vezes até mais como é o caso da instituição APAE, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais e demonstram desenvoltura mais apropriada para essa clientela? A inclusão é um princípio que visa garantir a participação plena e efetiva de todos os estudantes, independentemente de suas características individuais, promovendo uma educação igualitária e justa. No entanto, ainda enfrentamos desafios significativos na implementação efetiva da inclusão nas escolas regulares. Este artigo explora as raízes desse problema e destaca perspectivas para promover a inclusão, bem como, proporcionar um novo olhar sobre a segregação de estudantes com deficiência por um viés positivo a partir da experiência da autora na instituição. O fazer pedagógico na instituição desconstruiu o arcabouço unilateral de inclusão assertiva apenas em escolas regulares e hoje aplaudo de pé as ações pedagógicas exitosas realizadas pelas pedagogas e psicopedagogas da instituição permeadas com afeto, competência e conhecimento.

Palavras chave: Inclusão Educacional. Segregação. Ambiente Acolhedor.

¹ Pedagoga, com formação em Pré-escola pela UEPB, Psicóloga Clínica pela UEPB, Mestrado inconcluso pela Faculdade de Lusófona, Especialização pela UFPB em Educação Infantil, Especialização Pela UNINASSAU em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar e pela Faculdade Metropolitana- SP Intervenção ABA Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). No momento estou como professora na Rede de Ensino da PMCG/PB na APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

INTRODUÇÃO

A inclusão e a segregação são abordagens distintas no contexto da educação de alunos com deficiência. Enquanto a inclusão busca promover a participação plena e igualitária de todos os estudantes, independentemente de suas habilidades ou características, a segregação envolve a separação desses alunos em ambientes educacionais específicos. Embora a inclusão seja amplamente defendida como um princípio ético e legal, este artigo explora o lado positivo da segregação, considerando suas potenciais vantagens e benefícios em certos contextos educacionais. A segregação pode ser vista como uma medida temporária e de apoio para estudantes com deficiência que enfrentam dificuldades significativas em ambientes inclusivos.

Ambientes segregados podem fornecer recursos, programas e profissionais altamente especializados, capazes de oferecer uma abordagem de ensino mais direcionada e adaptada às necessidades específicas de cada aluno. Em alguns casos, a segregação pode permitir que os alunos com deficiência desenvolvam habilidades sociais e emocionais de maneira mais efetiva. Ambientes segregados podem proporcionar um ambiente menos estressante, onde os estudantes podem se sentir mais seguros e confiantes para se envolverem em interações sociais, estabelecendo amizades e aprimorando suas habilidades de comunicação.

A pesquisa aponta para uma abordagem comparativa entre duas correntes educacionais: inclusão e segregação. Serão realizadas análises comparativas, utilizando revisão bibliográfica e estudos de caso como métodos de coleta de dados. Serão examinados estudos e pesquisas que abordam os desafios e benefícios de cada corrente, bem como as perspectivas dos alunos, professores e profissionais envolvidos. Embora a inclusão seja amplamente considerada como o ideal a ser buscado na educação de estudantes com deficiência, é relevante reconhecer que, em certas circunstâncias, a segregação pode trazer benefícios e vantagens significativas. Ao destacar os aspectos positivos da segregação, é possível identificar oportunidades para fornecer suporte especializado, promover o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, fortalecer a autoestima e confiança dos alunos e prepara-los gradualmente para uma futura inclusão em ambientes mais amplos. No entanto, é crucial ressaltar que a segregação não deve ser uma solução permanente, mas sim uma medida temporária e de apoio.

O objetivo final deve ser o de promover a inclusão plena e igualitária, onde todos os alunos independente de suas habilidades possam aprender e crescer juntos em um ambiente diversificado e acolhedor. É fundamental que as estratégias educacionais sejam baseadas em evidências e que as decisões sejam tomadas levando em consideração o melhor interesse dos estudantes com deficiência, visando sua máxima participação e desenvolvimento integral. Sentir-se bem, acolhido é bastante relevante para o bom desenvolvimento do estudante. O elo afetivo entre professor e aluno é fundamental para os avanços do mesmo. Os autores utilizados na pesquisa foram: Alves (2019), Batista (2018), Mantoan (2003), Rizollo (2015), Silva (2018), Ferreira (2017) entre outros.

Partindo da relevância do exposto, nos propomos a realizar uma pesquisa qualitativa objetivando compreender a relevante participação de ambas instituições com fins do desenvolvimento do estudante com deficiência como sujeito integral, evidenciando as relações afetivas do professor e aprendiz. Este artigo se configura como um relato de experiência de uma professora que atuou em ambas instituições e percebeu uma diferença gritante entre a atuação do professor nas Escolas Públicas, ditas inclusivas, seu posicionamento frente ao estudante com deficiência, em sua maioria, se apresentando incapaz de desenvolver um trabalho eficaz junto a este no ambiente de sala de aula e, por outro lado, professores que apresentam uma postura bem diferente que atua nas instituições que se dispõem a receber apenas estudantes com deficiência como é o caso da APAE, desenvolvendo um excelente trabalho junto a essa clientela. A relação professor e aluno influencia fortemente no bom desenvolvimento do estudante. Um ambiente prazeroso onde o estudante entra em cena não apenas para o preenchimento da vaga, mas a permanência do mesmo na instituição.

A inclusão de estudantes com deficiência é um tema central nas áreas de Psicologia e Pedagogia. Embora tenham sido feitos progressos consideráveis, ainda há barreiras a serem superadas para garantir que todos os estudantes tenham igualdade de oportunidades no ambiente educacional. A segregação, por outro lado, ocorre quando estudantes com deficiência são excluídos das turmas regulares e colocados em ambientes separados, negando-lhes a interação com seus pares e uma educação inclusiva. Neste artigo, examinaremos os fatores que contribuem para a inclusão e a segregação de estudantes com deficiência, discutindo estratégias para promover uma cultura inclusiva e superar os desafios existentes.

RECORTE LITERÁRIO

Durante muitos séculos as crianças com deficiência foram rejeitadas e ignoradas. Uma prática comum nas sociedades antigas era o infanticídio, quando se observava a presença de alguma anormalidade nas crianças. De acordo com Vieira, analisando o período histórico da educação inclusiva no Brasil, nos séculos XVII e XVIII, é possível notar que se evidenciam teorias e práticas sociais de discriminação, promovendo infinitas situações de exclusão. Essa época foi caracterizada pela ignorância e rejeição do indivíduo deficiente: a família, a escola e a sociedade em geral condenavam esse público de uma forma extremamente preconceituosa, de modo a excluí-los do meio social.

A Constituição Federal (1988), que se destaca por embasar as demais e ser a maior de nossa sociedade, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), a Política Nacional de Educação Inclusiva (2008), PNEE: Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida (2020). Plano Nacional de Educação (2014) e outras tantas resoluções, sinalizando a necessidade de mudanças nas práticas educacionais inclusivas e social como um todo a fim de garantir o pleno desenvolvimento de todas as pessoas.

No Plano Nacional de Educação a meta 4 é direcionada a Educação Especial e confere em especial que aconteça na Rede Regular de Ensino. Nela lê-se:

Universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezesete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados

A escola, enquanto principal instituição de promoção de saberes acadêmicos tem sido conferida com o desafio de tornar-se “inclusiva”. Implícita está, portanto, a constatação de que ela ainda tem uma prática que exclui, aparta e discrimina. A Educação Especial é uma temática que tem despertado interesse de amplos setores da sociedade, vem sendo analisada a bastante tempo, mas ainda há muito a ser feito para oferecer oportunidades educacionais a todos os alunos de acordo com suas especificidades.

Diretrizes e ações estão sendo implementadas na tentativa de reorganizar os serviços de atendimento especializado oferecidos aos alunos com deficiência. Santos corrobora quando ele afirma que, “Temos direito à igualdade, quando a diferença nos inferioriza, e direito à diferença, quando a igualdade nos descaracteriza” (1999). Pensar na pessoa com deficiência pelo viés de igualdade de oportunidades e não pelos mesmos caminhos, pois pensar no sujeito como um todo, com ele, por ele e para ele. Não cabe lançar mão de escores direcionados a crianças neurotípicas, mas pensar no sujeito com deficiência com possibilidades. O Atendimento Educacional Especializado deve estar disponível em todos os níveis de ensino sendo, a escola regular o espaço mais adequado para garantir o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo do aluno, excetuando quando essa não consegue cumprir este papel, seja por falta de profissionais especializados ou a ausência de um projeto pedagógico que realmente inclua com condições adequadas que possibilitem o bem estar social e emocional.

Em uma proposta de trabalho colaborativo sob uma perspectiva da educação inclusiva todo mundo participa e está envolvido desde a etapa inicial. Essa é a diferença entre um trabalho colaborativo e um trabalho cooperativo, em que toda a equipe escolar coopera com o projeto, sem de fato participar dele desde o planejamento até a avaliação. Quando se fala em colaborar implica numa participação efetiva de todos que fazem a escola e juntos contribuem para elaboração de um plano de atendimento peculiar a cada estudante.

A inclusão de estudantes com deficiência é um tema central nas áreas de Psicologia e Pedagogia. Embora tenham sido feitos progressos consideráveis, ainda há barreiras a serem superadas para garantir que todos os estudantes tenham igualdade de oportunidades no ambiente educacional.

A segregação, por outro lado, ocorre quando estudantes com deficiência são excluídos das turmas regulares e colocados em ambientes separados, negando-lhes a interação com seus pares e uma educação inclusiva. Neste artigo, examinaremos os fatores que contribuem para a inclusão e a segregação de estudantes com deficiência, discutindo estratégias para promover uma cultura inclusiva e superar os desafios existentes.

A Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida – PNEE (2020), assegura a possibilidade das famílias optarem por outro meio de prover a educação dos seus filhos, isto é, aponta para as



instituições especializadas. Segundo o ministro Milton Ribeiro, à época, essa política não retira direitos, pelo contrário amplia os direitos dessa clientela, uma vez que surge um direcionamento voltado as especificidades dos estudantes.

É necessário ressaltar que na PNEE 2020 nenhum direito foi tirado e que nenhuma prerrogativa dos estudantes e de suas famílias foi minimizada. Muito pelo contrário; os direitos foram ampliados Política Nacional de Educação Especial para que famílias e estudantes, além da garantia do acesso à escola comum, tenham também o direito a escolas especializadas, sempre que estas forem consideradas, por eles mesmos, como a melhor opção.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2020

Ainda segundo o documento, o processo de inclusão não pode mais ficar restrito a discussões teóricas: é uma condição para a garantia efetiva dos direitos fundamentais à educação e ao exercício pleno de cidadania de todo brasileiro. Então, o que vemos muitas vezes, é discurso bem elaborado, entretanto esvaziado de uma educação de fato inclusiva que viabilize o acesso e os meios para que a aprendizagem aconteça. A Lei de Diretrizes e Base – LDB (Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996) sinaliza no art. 58, § 2º o seguinte: “O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes regulares de ensino regular”. Nesse sentido, o destaque está para o “como” atender aos estudantes dessa modalidade, considerando as suas características e peculiaridades, garantindo a possibilidade de desenvolvimento e inclusão social, acadêmica, cultural e profissional.

A inclusão de estudantes com deficiência traz uma série de benefícios para todos os envolvidos. Para os estudantes com deficiência, ela promove a participação social, o desenvolvimento acadêmico e a autoestima. Além disso, a interação com colegas sem deficiência estimula o aprendizado colaborativo e a valorização da diversidade. Para os estudantes sem deficiência, a inclusão proporciona a oportunidade de desenvolver empatia, respeito pelas diferenças e habilidades de liderança. Para a sociedade em geral, a inclusão contribui para a construção de uma comunidade mais inclusiva, equitativa e justa.

Promover a inclusão de estudantes com deficiência requer a implementação de estratégias eficazes. É fundamental investir em formação e capacitação para os educadores, a fim de aumentar a conscientização sobre as necessidades individuais dos estudantes com deficiência, fornecendo as ferramentas necessárias para atender a essas necessidades. Além da formação e capacitação de educadores, é importante investir em



recursos e suportes adequados para a inclusão de estudantes com deficiência. Isso pode incluir adaptações curriculares, materiais pedagógicos acessíveis, tecnologias assistivas e a disponibilidade de profissionais de apoio, como intérpretes de língua de sinais, psicopedagogos, terapeutas ocupacionais e psicólogos. Esses recursos e profissionais mais capacitados podem ser fundamentais para garantir a participação plena e o progresso acadêmico dos estudantes com deficiência. Vale ressaltar que a maioria das Escolas Públicas não existe uma equipe multiprofissional para atender aos estudantes dessa modalidade.

Outro aspecto importante é a promoção de um ambiente escolar inclusivo, onde a diversidade seja valorizada e respeitada. Isso pode ser alcançado por meio de programas de conscientização e sensibilização para os estudantes sem deficiência, a fim de que entendam as necessidades e diferenças dos colegas com deficiência. A criação de oportunidades para interação e trabalho em grupo entre os estudantes, independentemente de suas habilidades, também é essencial para promover a inclusão. Aspecto bastante relevante a ser persistido nas escolas regulares, contudo, o desempenho dos profissionais, em especial, o professor da sala regular, é fundamental para que isso ocorra. Observa-se a falta de vontade, não se sabe ao certo se é pela falta de empatia ou por não se ter uma formação que subsidie para a prática eficiente junto aos indivíduos com deficiência.

Para que de fato a Educação Inclusiva aconteça, é fundamental envolver os pais e a comunidade no processo de inclusão. A parceria entre todos os profissionais da escola, os pais e os responsáveis pelos estudantes com deficiência pode ajudar a identificar as necessidades individuais, desenvolver planos de apoio individualizados e promover uma abordagem colaborativa na busca por soluções. A elaboração do Plano de Educação Individualizado da forma que ocorre, em sua maioria elaborado apenas pelo professor da Sala do AEE, se distancia e muito das orientações dos documentos legais que rezam a Educação Especial em nosso país. Por fim, deve ser observado que a inclusão de estudantes com deficiência não se limita apenas à educação formal. É necessário promover a inclusão em todas as esferas da sociedade, incluindo acesso a atividades extracurriculares, espaços públicos, emprego e oportunidades de participação cívica.

Por outro lado, as instituições que promovem a escolaridade em um contexto diferenciado onde se aglutina pessoas com diversas deficiências e síndromes em um único espaço com uma equipe multiprofissional não estaria oferecendo um serviço mais adequado para essa modalidade? Porque os profissionais, em especial, os pedagogos e os

psicopedagogos, apresentam uma práxis pedagógica diária com um grupo de doze, quinze, algumas vezes até mais como é o caso da instituição APAE, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, demonstrando uma desenvoltura mais apropriada para essa clientela em detrimento dos profissionais que estão atuando nas escolas regulares que não consegue, em sua maioria, incluir de fato e algumas vezes, obrigando que o apoio pedagógico se sinta constrangido ao ponto de ficar na escola em outros espaços e não na sala de aula? O que seria de fato incluir? Estar na escola, sem o sentimento de pertencimento a um grupo ou sala, é oferecer educação inclusiva?

Embora a inclusão seja amplamente defendida como um princípio ético e legal, este artigo explora o lado positivo da segregação, considerando suas potenciais vantagens e benefícios em certos contextos educacionais, em especial, no desempenho dos professores, em sua maioria, psicopedagogos, por conseguir viabilizar o fazer pedagógico com seriedade, foco, empatia, conhecimento e afetividade.

A segregação pode ser vista como uma medida temporária e de apoio para estudantes com deficiência que enfrentam dificuldades significativas em ambientes inclusivos. Em certas circunstâncias, a segregação pode fornecer suporte adicional e intervenções intensivas, visando atender às necessidades específicas desses alunos. Fato comprovado junto as famílias e estudantes atendidos pela instituição através de conversas no cotidiano.

Ao se concentrar na segregação, é possível oferecer uma educação especializada e personalizada que atenda às necessidades individuais dos alunos com deficiência. Ambientes segregados podem fornecer recursos, programas e profissionais altamente especializados, capazes de oferecer uma abordagem de ensino mais direcionada e adaptada às necessidades específicas de cada aluno.

Em alguns casos, a segregação pode permitir que os alunos com deficiência desenvolvam habilidades sociais e emocionais de maneira mais efetiva. Ambientes segregados podem proporcionar um ambiente menos estressante, onde os estudantes podem se sentir mais seguros e confiantes para se envolverem em interações sociais, estabelecendo amizades e aprimorando suas habilidades de comunicação.

A segregação pode oferecer uma oportunidade para os alunos com deficiência construírem sua autoestima e confiança. Ambientes segregados podem oferecer atividades e desafios adequados às capacidades dos alunos, permitindo que eles se destaquem em suas realizações e desenvolvam um senso de competência e valor pessoal.



A segregação pode ser vista como uma etapa intermediária na jornada de inclusão de estudantes com deficiência. Em alguns casos, a segregação pode ser utilizada como um ambiente de transição, onde os alunos podem adquirir habilidades e competências necessárias para uma posterior integração em ambientes inclusivos. Isso permite que eles sejam gradualmente introduzidos na comunidade escolar mais ampla, garantindo um processo de inclusão bem-sucedido.

Criar um ambiente acolhedor onde o estudante se sinta bem, percebê-lo como um sujeito integral e não um cérebro com defeito de fabricação. Acreditar em potencialidades através de uma práxis pedagógica numa perspectiva sócio histórica onde esse sujeito cria, recria dependendo dos estímulos recebidos pelos profissionais envolvidos no processo. O acreditar em si, em sua capacidade de aprender, contribui para o empoderamento desse sujeito que faz, que participa do processo como ser ativo que influencia e recebe influência do meio.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa aponta para uma abordagem comparativa entre duas correntes educacionais: inclusão e segregação. Serão realizadas análises comparativas, utilizando revisão bibliográfica e estudos de caso como métodos de coleta de dados. Serão examinados estudos e pesquisas que abordam os desafios e benefícios de cada corrente, bem como as perspectivas dos alunos, professores e profissionais envolvidos

Do ponto de vista metodológico, tratou-se de uma pesquisa qualitativa, com enfoque em um estudo comparativo no qual recorreremos a fontes bibliográficas e a pesquisa empírica, através do estudo de caso.

Este estudo qualitativo foi realizado com profissionais, pais e estudantes da Rede Municipal de Educação e da instituição APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, localizada na cidade de Campina Grande- PB. Para a coleta de dados foi aplicado um questionário através do google forms encaminhado a profissionais e pais de estudantes com deficiência. O questionário contendo 06 questões subjetivas foi aplicado com pais e profissionais que atuam em escolas regulares e na associação destacada acima, local onde surgiu o interesse da autora em realizar este estudo comparativo. As questões foram elaboradas com a temática em questão: Inclusão e/ ou segregação.



A escolha do questionário como ferramenta de pesquisa, dentre tantas outras, se deu pela eficácia e eficiência que os questionários possuem, visto que estes são mecanismos que possibilitam um uso eficiente do tempo, mantêm o anonimato dos pesquisados e possuem perguntas padronizadas (MOREIRA e CALEFFE, 2008).

Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada junto a profissionais e pais de escola da rede pública de ensino e da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais da cidade de Campina Grande - PB.

No que se refere à estrutura física, observou-se que as salas de aula apresentam boa ventilação, ar condicionado na instituição APAE, cadeiras e mesas corretas em relação a idade dos atendidos e mantêm um número adequado de alunos. O ambiente se apresenta adequado aos estudantes cadeirantes: rampas e banheiros adequados.

Sujeito da pesquisa

A pesquisa contemplou pais, pedagogas, psicopedagogas de escolas regulares e instituição especializada e estudantes atendidos na Instituição APAE.

Instrumentos da pesquisa

Foi utilizado para coleta de dados, o embasamento teórico sobre as leis que rezam a Educação Especial no Brasil, com o enfoque direcionado a inclusão dos estudantes com deficiência nas escolas públicas e, ainda aspectos positivos sobre a segregação, levando em consideração a práxis pedagógica dos professores da instituição APAE que junto com outros profissionais desenvolvem um excelente trabalho de inclusão de pessoas com deficiência com seus pares, num ambiente acolhedor onde a aprendizagem ocorre na perspectiva do que é possível, com um diferencial que muito chama a atenção que são as relações afetivas dos profissionais, em especial, dos professores. O questionário foi elaborado com seis (06) questões abertas. O critério da aplicação do questionário se deu, devido ao uso eficiente do tempo no recolhimento, online através do google forms, ao anonimato para o respondente.

Resultados e discussão

A análise dos resultados obtidos foi minuciosamente avaliados, procurando-se observar as partes mencionadas em relação ao todo, direcionando à questão principal deste estudo, que consiste no entendimento de fatores preponderantes para a oferta de uma educação inclusiva com qualidade, profissionalismo, conhecimento e afetividade. O local em si onde ocorre o oferecimento da oferta para os estudantes se torna secundário, pois a segregação pode sim contribuir para esse acesso ou até mesmo se constituir como a parte principal, levando em consideração as colocações de pais e estudantes, que após serem constrangidos, buscam refúgio na Instituição por considerar ser melhor atendido. Percebe-se nos sorrisos, nos afetos, nos gritos eufóricos quando os vocábulos não saem, mas a comunicação acontece com expressões, gestos, ternura. Nesse sentido, buscamos analisar a teoria e realizar um contraponto com as observações dos pais, estudantes e profissionais que atuam em salas regulares e em salas com estudantes com deficiência.

A pesquisa em foco, visa contribuir para reflexão de alguns desafios e dificuldades encontrados pelos estudantes em ambas instituições:

Após elaboração do questionário com 06 (seis) questões abertas no Google Forms, o link foi encaminhado pelo whatsapp a professores de ambas instituições: escolas regulares e Instituição APAE e pais. Em relação aos estudantes, abrimos uma discussão na turma do 5º ano para saber sobre a experiência dos mesmos nas escolas regulares. A turma é composta por 15 estudantes com deficiência, 10 deles passaram por momentos constrangedores em salas regulares.

Pergunta 1: Como os alunos com deficiência percebem sua experiência em um ambiente segregado em comparação a um ambiente inclusivo?

“Pela acessibilidade de acolhida ao conversar com ele”

“Eles percebem quando os professores e colegas não falam diretamente com eles”

“Eles percebem que não são bem-vindos naquele ambiente”

“Em um ambiente segregado, os alunos com deficiência podem se sentir isolados socialmente, estigmatizados e com acesso limitado a oportunidades educacionais. Em contraste, em um ambiente inclusivo, eles têm a chance de se envolver plenamente nas



atividades escolares, desenvolver autoconfiança, aprender com a diversidade e se preparar melhor para a vida após a escola. No entanto, é importante ressaltar que a busca pela inclusão efetiva ainda enfrenta desafios”

“É uma pergunta complexa, porque existem ambientes considerados segregadores mas inclusivos, e ambientes que se diz inclusivo por aceitar todos, não inclui, apenas junta todos. Alunos com deficiência se sentem pertencer a um ambiente, quando se ver no outro.”

“Atrás do comportamento das outras pessoas”

“Não tive alunos nesta condição”

Por meio da análise das respostas selecionadas apresentadas acima, pode-se identificar padrões e temas emergentes, como a importância do convívio com os pares, a valorização da participação ativa e a sensação de inclusão como fatores que influenciam a percepção dos alunos sobre os diferentes ambientes educacionais.

Observou-se nas respostas a ênfase é na acolhida, nas relações interpessoais entre os pares e professores. Nesse sentido, Mantoan (2006) ressalta que a inclusão traz também benefícios para professores e alunos uma vez que garante o direito de todos à educação, possibilitando a essas pessoas uma vida cidadã plena, meta persistida por todo professor.

Pergunta 2: Quais são as percepções dos professores em relação aos desafios enfrentados na inclusão de alunos com deficiência em uma sala de aula regular?

Nessa questão obtivemos as respostas a seguir:

“A fala sempre é: não sei como fazer e dá muito trabalho”

“Sentem falta de formação e condições objetivas para operacionalizar a parte que lhes cabe”.

“Acham excesso de trabalho”

“A maioria dos professores não tem formação e muitos também não querem nem trabalhar com essas crianças com deficiência aqueles que querem tentam se formar por sua conta

própria pois o estado não proporciona a formação para nos profissionais nem as faculdades e universidades. Os que querem trabalhar com a inclusão percebem os ganhos que a inclusão tem em alguns casos e outros os ganhos são menores pois tais alunos precisam de um apoio maior da rede escolar com apoio pedagogo de psicopedagogo terapeuta ocupacional fonoaudiólogo psicólogos educadores físicos e outros profissionais que possam somar a inclusão dessa criança na escola”.

“Como professora, percebo alguns desafios na inclusão de alunos com deficiência em uma sala de aula regular: Adaptação curricular: É preciso adaptar o currículo para atender às necessidades individuais dos alunos com deficiência, garantindo que todos tenham acesso ao conteúdo de forma significativa. Diversidade de necessidades: Cada aluno com deficiência é único, com diferentes habilidades e desafios. Gerenciar essa diversidade na sala de aula demanda estratégias diferenciadas para atender a cada aluno. Recursos e suporte: A inclusão pode requerer recursos adicionais, como materiais adaptados, equipamentos ou profissionais de apoio. A falta desses recursos pode dificultar a efetividade da inclusão. Capacitação e formação: Nem todos os professores receberam capacitação específica em educação inclusiva. A falta de conhecimento e estratégias adequadas pode representar um desafio ao lidar com as necessidades dos alunos com deficiência. Tempo e carga de trabalho: A inclusão exige um tempo e esforço adicionais dos professores para planejar aulas diferenciadas, realizar avaliações individuais e colaborar com outros profissionais. Equilibrar essas demandas com outras responsabilidades pode ser desafiador”.

“Os professores vão construindo suas experiências com os alunos na própria prática. Não tem como fugir, porque cada aluno tem sua dificuldade e no caso sua deficiência”.

“O desafio de associar eles a alunos que ainda não estão preparados para conviver com pessoas com deficiência que ainda tem o preconceito””.

“Os professores da sala de aula regular se sentem inseguros”.

Análise qualitativa: Observamos a partir das falas dos participantes da pesquisa, que os professores destacam como desafios a falta de recursos e apoio especializado, a necessidade de adaptações curriculares e a demanda por maior capacitação em estratégias de ensino inclusivas. Nos revela temas comuns como a importância de recursos e apoio adequados, a necessidade de colaboração entre os profissionais da educação e a

importância do desenvolvimento de habilidades pedagógicas específicas para atender as necessidades diversificadas dos estudantes com deficiência.

Pergunta 3: Quais são os benefícios e desafios percebidos pelos pais de alunos com deficiência em relação à inclusão e segregação?

“Inclusão aceitação e adaptação. / Segregação aluno inserido sem acessibilidade”

“Em relação a inclusão, essa questão não existe, está acontecendo uma interação no momento, pois existem muitas barreiras para promover a inclusão das crianças e suas famílias”.

“Os pais se sentem fragilizados em relação a exclusão mesmo dos filhos”.

“O maior desafio é que a escola esteja preparada para receber os nossos filhos os quais muitas vezes não tem apoio na escola e nem do Estado pois são crianças que demandam mais cuidados e profissionais com mais habilidades dentro de áreas diferentes. Perceptível que vários professores não aceitam esses alunos especiais estão com eles praticamente forçados isso é visto dentro da vivência de várias mães com filhos especiais isto foi da minha vivência e da vivência de outras mães esse relato”.

“Benefícios da inclusão: Igualdade de oportunidades, interação social positiva, crescimento acadêmico e desenvolvimento emocional. Desafios da inclusão: Necessidade de adaptação curricular, falta de suporte e recursos adequados, preocupações com estigma e aceitação social. Benefícios da segregação: Ambiente especializado, foco nas necessidades individuais do aluno. Desafios da segregação: Isolamento social, restrição de oportunidades de interação com colegas sem deficiência, possibilidade de estigmatização.

“Benefícios: melhor a autoestima Desafios: trabalhar a rotina”.

“São vários! Entre eles o mais difícil é incluir eles em atividades do dia a dia como ir ao shopping a igreja que ainda existe muito preconceito, pessoas que ainda não aceitam pessoas com deficiência!”

“Incluir seus filhos nas escolas regular é um desafio e muito pais, acabam desistindo porque não percebem os direitos dos seus filhos.”

Percebemos que os participantes mencionaram alguns benefícios da inclusão, como a oportunidade de interação social e desenvolvimento de habilidades de autonomia,

e desafios relacionados à falta de suporte e compreensão por parte dos colegas e professores, que apresenta em sua maioria, uma falta de empatia com os estudantes com deficiência. Dito por uma mãe de filhos autistas, psicopedagoga que sensibilizada com situações de maus tratos com alunos inseridos nessa modalidade, insiste em ter seus direitos garantidos conforme apresentados nos documentos legais que corroboram para inclusão nas escolas regulares. Contudo, existe um distanciamento daquilo que as Leis apresentam para o que ocorrem de fato nas escolas ditas inclusivas. Na prática, acabam excluindo e não incluindo.

Análise qualitativa: Ao analisar as respostas dos pais, surgem temas como a importância da participação ativa dos pais na defesa dos direitos e necessidades de seus filhos, a busca por suporte emocional e orientação profissional e a necessidade de maior sensibilização da comunidade escolar sobre as questões relacionadas à inclusão.

Pergunta 4: Quais são as perspectivas dos profissionais de apoio, como psicólogos e terapeutas, em relação à inclusão e segregação de alunos com deficiência?

“Quando existem, grande parte não sabe como trabalhar, e ainda existe uma negação de determinadas atribuições”

“Estão caminhando mas ainda com muitos desafios para promover a inclusão”

“Na escola que trabalho não temos psicóloga ou terapeuta”

“Os profissionais de apoio eles sabem que a escola é a segunda casa dos seus pacientes é nela se vai generalizar tudo que foi trabalhado em clínica e é nela que se pode fazer as correções necessárias mas muitas vezes a escola não aceita que esses profissionais entrem na escola façam intervenções junto aos professores e muitas vezes os próprios professores não querem ajuda desses profissionais pois eles compreendem que vão ter mais trabalho para fazer na sua sala de aula então quanto mais distante esses profissionais estiverem os professores acham melhor só que o ganho se tivesse a tríplice família escola e terapia seria bem maior e essa criança teria total autonomia em sua vida”.

“Como profissional da área, vejo a inclusão como fundamental para o desenvolvimento social e emocional dos alunos com deficiência. Tenho preocupações com o isolamento social na segregação e defendo a igualdade de oportunidades por meio da inclusão.”

“Acredito que seja realizar um trabalho específico e dentro do tempo necessário.”



“Buscar melhorar a cada dia para inclusão em todos os aspectos para que eles possam conviver em sociedade melhor com mais acessível!”

“Sabem que é necessário a inclusão e lutam por isso.”

É relevante observar em uma das falas que a escola se fecha em si, não permitindo o diálogo entre outros profissionais que trabalham com alguns alunos da escola pública em outras instituições, sendo que o diálogo ou a troca de protocolos traria benefícios para o estudante atendido. Por outro lado, nas instituições especializadas dispõe de uma equipe multiprofissional para atender essa clientela como é caso da APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais que dispõe de Clínico Geral, Neurologista, Psicólogos, Assistentes Sociais, Fonoaudiólogos, Fisioterapeutas, Pedagogos, Psicopedagogos, Pais Voluntários, Assistentes de Serviços Gerais, Secretários, Telemarketing, entre outros para atender os estudantes com deficiência e seus familiares. Portanto, é extremamente importante que o diálogo seja construído em ambas as instituições com vista ao desenvolvimento integral dessa clientela. Os profissionais de apoio podem destacar a importância de uma abordagem individualizada, com apoio especializado e adaptações adequadas, tanto em ambientes inclusivos quanto segregados. Esses profissionais contribuem significativamente para o bom desenvolvimento dos estudantes de forma integral.

Análise qualitativa: Ao analisar as respostas no tocante aos profissionais de apoio, pode-se identificar temas como a necessidade de uma abordagem multidisciplinar, o reconhecimento das capacidades e potenciais dos alunos com deficiência e a importância de estratégias de suporte emocional e psicossocial.

Pergunta 5: Quais são as implicações sociais e emocionais percebidas pelos colegas de classe de alunos com deficiência em relação à inclusão e segregação?

“A falta de inclusão no geral”

“Na minha opinião os alunos aprendem a respeitar as diferenças e com isso teremos uma sociedade com mais equidade”.

“Os alunos típicos ganham privilégio de aprender a viver em sociedade de forma harmônica sem ter preconceitos em relação ao indivíduo que é diferente aceitando elas.”



“Implicações sociais e emocionais percebidas pelos colegas de classe de alunos com deficiência na inclusão incluem oportunidades de aprendizado, empatia e diversidade, enquanto na segregação podem ocorrer falta de interação, estigmatização e preconceito.”

“As implicações são totais, profunda e necessária, no entender que as diferenças são a razão da vida e das pessoas serem tão perfeitas”.

“Alguns aceitam a inclusão em sala de aula, mais outros ainda tem não estão preparados para a inclusão”

“Percebem que os alunos se sentem rejeitados, e acabam retornando.”

Os colegas de classe podem perceber implicações sociais positivas da inclusão, como a oportunidade de aprender sobre diversidade, desenvolver empatia e solidariedade, e promover um senso de comunidade e respeito mútuo. A inclusão também pode proporcionar uma experiência enriquecedora ao permitir que todos os alunos aprendam juntos e apoiem uns aos outros. Por outro lado, a segregação pode levar à falta de compreensão e conhecimento sobre as capacidades e potenciais dos alunos com deficiência, contribuindo para estigmas e preconceitos.

Análise qualitativa: Ao analisar as respostas dos colegas de classe, é possível identificar temas como a importância do convívio e da interação com os alunos com deficiência para promover a empatia e a conscientização sobre as capacidades individuais. Além disso, a análise qualitativa pode revelar os desafios enfrentados pelos colegas, como a necessidade de apoio e orientação para facilitar a interação e a participação ativa dos alunos com deficiência nas atividades escolares. Pode-se utilizar técnicas como análise de conteúdo, agrupando as respostas em categorias relevantes e explorando as interconexões e relações entre as diferentes percepções dos colegas de classe. Essa análise qualitativa ajudará a compreender melhor as implicações sociais e emocionais percebidas pelos colegas de classe em relação à inclusão e segregação, fornecendo insights valiosos para a promoção de um ambiente educacional mais inclusivo e acolhedor.

Pergunta 6: Como os alunos com deficiência percebem sua experiência em um ambiente segregado em comparação a um ambiente inclusivo?

“Acolhida ao trabalhar com o aluno.”



“Os alunos se sentem à margem quando estão em um ambiente segregado e quando podem participar e mostrar suas potencialidades em um ambiente inclusivo se sentem parte do meio.”

“As crianças atípicas percebem que são aceitos do seu jeito e muitas vezes aprendem comportamentos sociais os quais podem ser incluídos na sua vida diária dando uma melhor autonomia no futuro.”

“Alunos com deficiência geralmente percebem uma experiência mais limitada, isolada e restrita em um ambiente segregado, em comparação com uma experiência mais inclusiva, que oferece oportunidades de interação, aprendizado diversificado e aceitação social.”

“Percebem através do comportamento das outras pessoas para com eles”.

“Grande diferença, pois se sentem valorizado no ambiente inclusivo”.

Análise qualitativa: ajudará a compreender melhor as implicações sociais e emocionais percebidas pelos colegas de classe em relação à inclusão e segregação, fornecendo insights valiosos para a promoção de um ambiente educacional mais inclusivo e acolhedor.

A segregação pode oferecer um ambiente mais direcionado, com recursos e apoio especializado que atendem exclusivamente às necessidades dos estudantes com deficiência, proporcionando-lhes uma atenção individualizada e personalizada. Contudo, deve ser vista como um recurso a mais, isto é, uma possibilidade que contribua para o bem estar dos estudantes com deficiência. A segregação pode criar um ambiente mais acolhedor e menos estressante para os estudantes com deficiência, permitindo que eles aprendam em um ritmo adequado às suas necessidades individuais e evitando situações de sobrecarga emocional ou social.

De acordo com análises de Dall’Acqua e Vitaliano (2010, p. 25) “a escola se organizou historicamente para ser indiferente às diferenças, com práticas homogêneas e excludentes que se distanciam das propostas destinadas as escolas inclusivas”, uma vez que esta se destina a atender a todos os alunos, sem distinção em relação às especificidades humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Embora a inclusão seja amplamente considerada como o ideal a ser buscado na educação de alunos com deficiência, é importante reconhecer que, em certas circunstâncias, a segregação pode trazer benefícios e vantagens significativas. Ao destacar os aspectos positivos da segregação, é possível identificar oportunidades para fornecer suporte especializado, promover o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, melhorar a autoestima, sentir-se de fato incluído numa instituição com seus pares, contudo apresentando um comportamento mais ajustado em outros ambientes, uma vez que a instituição especializada oferece serviços diversificados e espaços de convivência com saberes e atividades da vida diária.

Impossível promover a inclusão numa perspectiva de normalização. Pressupor que os estudantes que apresentem algum tipo de deficiência podem desenvolver uma vida tão próxima do normal quanto possível. As pessoas com deficiência deverá atingir a todas manifestações e atividades humanas e não apenas a realidade escolar. Sendo assim, como uma adaptação, esse movimento significou uma resposta as necessidades do modelo integrador que abre as portas da escola regular aos deficientes, desde que eles se adaptem ao ensino, que não deveria sofrer nenhuma alteração ou adaptação. (MATTOS et al,2004). Em resumo, essa abertura estava vinculada aos padrões e comportamentos usuais. Se pensa em uma escola para a maioria, não se preocupando nas adaptações necessárias para receber essa clientela que necessita ser pensada na sua integralidade.

Para que a inclusão se concretize, a escola precisa minuciosamente ser repensada, cabendo a todos os envolvidos desenvolverem um trabalho que atenda cada aluno dentro de sua necessidade. É fundamental repensar a organização das escolas, a capacitação dos professores e as políticas educacionais inclusivas, para colocar em prática um sistema educacional inclusivo que funcione.

A inclusão de estudantes com deficiência é um desafio complexo, mas necessário para garantir uma sociedade igualitária e inclusiva. A segregação desses estudantes pode ser superada por meio da conscientização, formação, recursos adequados e promoção de um ambiente inclusivo. Ao investir na inclusão, estamos proporcionando oportunidades de desenvolvimento e participação plena para todos os estudantes, independentemente de suas habilidades ou deficiências. É fundamental que a Psicologia e a Pedagogia trabalhem



juntas para promover a inclusão e enfrentar os desafios existentes, garantindo assim um futuro mais inclusivo e equitativo para todos.

Os resultados obtidos através da pesquisa confirmam as inquietações de pais e profissionais que se encontram em ambas instituições, seja na escola regular ou na instituição especializada. Conscientes da importância do diálogo entre as instituições, segue-se abrindo portas para a inserção desses estudantes com melhores condições de aprendizado e pertencimento. Sentir-se parte integrante, visto como sujeitos protagonistas e não meros imitadores de comportamentos considerados apropriados pelo meio social. Assim na educação inclusiva, a noção de igualdade não se vincula a uniformização dos sujeitos. No entanto, as diferenças são valorizadas e o processo e as estratégias de ensino e aprendizagem observadas.

Sobre o conceito de inclusão, Mittler (2003, p. 16) afirma que:

A inclusão não diz respeito a colocar as crianças nas escolas regulares, mas a mudar as escolas para torna-las mais responsivas às necessidades de todas as crianças, diz respeito a ajudar todos os professores e aceitarem a responsabilidade quanto à aprendizagem de todas as crianças que estão atual e correntemente excluídas das escolas por qualquer razão. Isto se refere a todas as crianças que estão beneficiando-se com a escolarização, e não apenas aquelas que são rotuladas com o termo “necessidades educacionais especiais.

MILLER, 2003

Diante de todos percalços, a segregação pode ser vista como uma medida temporária e de apoio para estudantes com deficiência que enfrentam dificuldades significativas em ambientes inclusivos. Ambientes segregados podem fornecer recursos, programas e profissionais altamente especializados, capazes de oferecer uma abordagem de ensino mais direcionada e adaptada às necessidades específicas de cada aluno. Desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais Em alguns casos, a segregação pode permitir que os alunos com deficiência desenvolvam habilidades sociais e emocionais de maneira mais efetiva.

Ambientes segregados podem proporcionar um ambiente menos estressante, onde os estudantes podem se sentir mais seguros e confiantes para se envolverem em interações sociais, estabelecendo amizades e aprimorando suas habilidades de comunicação.

Embora a inclusão seja amplamente considerada como o ideal a ser buscado na educação de estudantes com deficiência, é relevante reconhecer que, em certas circunstâncias, a segregação pode trazer benefícios e vantagens significativas. Ao destacar os aspectos positivos da segregação, é possível identificar oportunidades para

fornecer suporte especializado, promover o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, fortalecer a autoestima e confiança dos alunos e prepara-los gradualmente para uma futura inclusão em ambientes mais amplos. No entanto, é crucial ressaltar que a segregação não deve ser uma solução permanente, mas sim uma medida temporária e de apoio.

O objetivo final deve ser o de promover a inclusão plena e igualitária, onde todos os alunos independente de suas habilidades possam aprender e crescer juntos em um ambiente diversificado e acolhedor. É fundamental que as estratégias educacionais sejam baseadas em evidências e que as decisões sejam tomadas levando em consideração o melhor interesse dos estudantes com deficiência, visando sua máxima participação e desenvolvimento.

Baseado nos autores Voltz, Brazil e Ford (2002), três pontos são essenciais a serem observados na inclusão escolar: o primeiro diz respeito a participação ativa e significativa dos estudantes com deficiência nas turmas regulares as quais pertencem, o segundo aspecto a ser observado é a premissa de que todos os alunos pertencem à turma e as diferenças são reconhecidas e tratadas abertamente; e por fim, o terceiro ponto de que toda a comunidade escolar, e não apenas o professor, é responsável pelo desenvolvimento de todos os alunos. Sendo assim, “A inclusão implica uma mudança de paradigma educacional, que gera uma reorganização das práticas escolares: planejamento, formação de turmas, currículo, avaliação, gestão do processo educativo”. (MANTOAN, 2011, P. 37)

Não existe uma fórmula mágica de promover a inclusão, o comprometimento em querer oferecer um serviço de qualidade que atenda a todos nas suas especificidades e focar nas relações interpessoais com mais amor e afeto, contribui para que o exercício da profissão seja mais prazeroso e menos ou mais desafiador, não se sabe, pois a escola não tem como antecipar situações que de repente fujam aos nossos saberes e emoções diante de determinados diagnósticos. Esse fato não se aplica somente a pessoas com alguma deficiência, já que a diferença é própria da condição humana. O processo de aprendizagem de cada estudante é singular. A inclusão se aprende a fazer, fazendo. É na especificidade de cada caso, na descoberta do que facilita ou não o aprendizado de cada indivíduo que se constrói uma escola inclusiva, que além de ser direito de todo, se isenta de qualquer generalização no tratamento dos estudantes.



Como instituição pública, se faz necessário um olhar atento da secretaria de educação e do gestor municipal, onde investimentos são necessários para viabilizar tanto a estrutura física quanto a funcionalidade da instituição. O investimento em formação dos professores e contratação de apoios escolares, é fundamental para a promoção de um serviço inclusivo e eficiente, além de salas equipadas que contribuam para o desenvolvimento do estudante de modo integralizado. Para tanto, as escolas precisam de uma equipe multiprofissional que contribua com essa prerrogativa de inclusão.

(...) o preparo do professor no contexto da educação inclusiva é o resultado da vivência e da interação cotidiana com cada um dos educando, com e sem deficiência, a partir de uma prática pedagógica dinâmica que reconhece e valoriza as diferenças. Não há especialização capaz de antever o que somente no dia a dia poderá ser revelado.

(PAGANELLI, 2017, s.p.).

A afetividade desempenha um papel fundamental nas interações entre profissionais de educação e pessoas com deficiência. O estabelecimento de vínculos afetivos positivos é essencial para promover um ambiente acolhedor, de confiança e respeito, permitindo o desenvolvimento pleno dos estudantes com deficiência.

REFERÊNCIAS

ALAMINOS, Cláudia. Fundamentos da educação especial: aspectos históricos, legais e Filosóficos / Cláudia Alaminos. – Indaial: UNIASSELVI, 2018.

ALVES, D., & Silva, J. (2019). Inclusão escolar: Reflexões e práticas. Porto Editora.

BATISTA, C. G. (2018). Inclusão escolar de alunos com deficiência: Desafios e possibilidades. Editora Appris.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996

_____. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília: SEESP, 2001. Disponível em: Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em 15 de fev de 2015.

_____. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Inclusão: Revista da Educação Especial, Brasília, v.4, n. 1, jan./jun. CIBEC/MEC, 2008.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação. PNEE: Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida/ Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação – Brasília; MEC. SEMESP. 2020.

CALEFFE, Luís Gonzaga; MOREIRA, Herivelto: **Metodologia da Pesquisa para o professor pesquisador**. Ed. Lamparina, 2^a.ed., Rio de Janeiro, 2008

DALL'ACQUA, M. J. C.; VITALIANO, C. R. Algumas reflexões sobre o processo de inclusão de nosso contexto educacional. In: VITALIANO (org). Formação de professores para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Londrina: EDUEL, 2010.

FERREIRA, L. C. R., & Alves, I. (2017). Segregação e inclusão: uma reflexão sobre as diferentes abordagens educacionais. *Revista Educação Inclusiva*, 14(2), 141-158.

GLAT, R., & Pletsch, M. D. (2017). Educação inclusiva: Aspectos históricos e conceituais. *Revista Educação Especial*, 30(57), 407-422.

LIMA, A. C., & Alves, F. G. (2018). A segregação como possibilidade de inclusão de alunos com deficiência intelectual. *Revista Educação e Inclusão*, 2(1), 123-140.

MANTOAN, M. T. E. (2003). *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* Moderna.

MELO, S. A., & Ferreira, V. S. (2019). Segregação escolar como estratégia para atender alunos com deficiência: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 25(1), 55-68.

MENDES, E. G., Stainback, S., & Stainback, W. (2005). *Inclusão: Um guia para educadores*. Artmed.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e sua formação*. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 9-33.

RIZZOLO, R. L. (2015). *Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva*. Editora Mediação.

SANTOS, A. A., & Ribeiro, J. V. (2017). Inclusão escolar de alunos com deficiência: Desafios e perspectivas. *Revista Lusófona de Educação*, (36), 139-156.

SILVA, A. B., & Santos, C. D. (2018). Segregação e inclusão: perspectivas e desafios na educação de alunos com deficiência. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 24(3), 417-432.

SKLIAR, C. (2006). A educação inclusiva como direito humano. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 12(3), 395-412.

SANTOS, E. P., & Oliveira, M. A. (2016). Segregação ou inclusão? O debate em torno da educação de alunos com deficiência. *Revista Diálogo Educacional*, 16(49), 1187-1208